

Comunicação, política e escândalos midiáticos: a mudança na imagem pública do senador Demóstenes Torres¹

Alissa CARVALHO²

Camila MONT'ALVERNE³

Francisco Paulo Jamil Almeida MARQUES (Orientador)⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O trabalho visa a analisar a mudança ocorrida na imagem pública do senador Demóstenes Torres após ser acusado de ter ligações com o empresário e contraventor Carlinhos Cachoeira. Serão analisadas 45 matérias do Portal Folha.com, entre fevereiro e maio de 2012, a fim de entender se acontece mudança significativa na imagem do parlamentar, antes tido como defensor da ética. Tendo o jornalismo um papel importante na consolidação da imagem pública dos atores políticos, é preciso investigar se a relação se altera quando há uma modificação por causa de fatores externos, inclusive observando se muda a forma que o personagem passa a ser apresentado.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem pública; Demóstenes Torres; Jornalismo; Política.

INTRODUÇÃO

O senador Demóstenes Torres era um dos mais respeitados parlamentares do país, chegando a ser considerado um dos 100 brasileiros mais influentes em 2009 (ÉPOCA, 2009). Com discursos sobre moralidade e combate a corrupção, era sempre uma fonte ouvida, quando havia escândalos do tipo no país, e sempre tinha opiniões ferinas para dar, inclusive na cobrança de punições exemplares.

Não é preciso concordar com tudo que ele pensa ou faz para homenageá-lo. Demóstenes não é mais um comerciante no mercado em que se trafica influência em troca de cargos ou privilégios. Ele tem princípios e convicções. (MAGNOLI, 2009)

Entre março e maio de 2012, o senador esteve imerso em denúncias de envolvimento com o empresário, ou contraventor, Carlos Cachoeira, preso pela Polícia Federal. Enquanto monitorava as ligações de Cachoeira, a PF encontrou conversas dele com

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Aluna do 5º semestre de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do Grupo de Pesquisa em Política e Novas Tecnologias (PONTE/UFC) E-mail: alissavcarvalho@gmail.com

³Aluna do 5º semestre de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Iniciação Científica do Grupo PONTE/UFC. E-mail: camilapessoa31@gmail.com

⁴Professor Adjunto II da UFC. Pesquisador permanente do PPGCOM/UFC. Realizou estágio pós-doutoral em Comunicação Social (PPGCOM/UFMG). Doutor e Mestre pelo PósCom/UFBA. Líder do Grupo PONTE/UFC. E-mail: marquesjamil@yahoo.com.br

Demóstenes, que indicavam relações profundas entre os dois, inclusive com ordens dele em relação à atuação parlamentar do senador.

Desde então, Demóstenes vem aparecendo constantemente no noticiário nacional, com grande destaque às acusações. O artigo pretende se debruçar sobre esse material, para ver como se dá a mudança na imagem pública do senador, antes tido como um homem íntegro, e agora tendo esse lugar contestado, uma vez que parece ter feito justamente o que tanto criticava nos colegas.

Imagem pública

Na política contemporânea, parte considerável da disputa vem sendo transformada em luta pela imposição da imagem pública dos atores (GOMES, 2004). Isso requer, também, um esforço para controlá-la, pois ela é construída “no espelho, entre o olhar e a informação” (WEBER, 2004, p. 260), e pode bastar um episódio para que se perca um *status* adquirido anteriormente, com muito tempo de cultivo da imagem.

“A imagem pública de um sujeito qualquer é, pois, um complexo de informações, noções, conceitos, partilhado por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam. Imagens públicas são concepções caracterizadoras.” (GOMES, 2004, P. 254)

Para uma carreira política de sucesso, é importante ter uma imagem pública favorável, a fim de angariar simpatia, confiança e, eventualmente, votos. Os atores políticos, entendidos como quaisquer sujeitos que gozem do reconhecimento social de que cumprem um papel político (GOMES, 2012), lançam mão de diversas estratégias para conseguir visibilidade positiva, principalmente se forem em veículos de comunicação de largo alcance. É importante lembrar, também, que o cargo ocupado pelo agente faz bastante diferença no espaço que ele vai ocupar nos noticiários, e no destaque que pode ter. “Não são pessoas, são lugares narrativos” (GOMES, 2012, P. 20). A imagem pública também é uma representação independente de configurações visuais.

A importância da visibilidade na construção da imagem pública fica evidente quando se nota não ser necessário conhecer uma figura para ter alguma imagem dela, que será especialmente formada pelas informações a que se tem acesso. (WEBER, 2004)

Todas as instituições e sujeitos que disputam os espaços públicos, votos e boa vontade, por quaisquer meios, são vulneráveis a julgamentos, curiosidade, expectativas e, portanto, passíveis de formação de opiniões, imagens e dúvidas. (WEBER, 2004, P. 274)

A comunicação de massa, e em especial o jornalismo, tem um papel fundamental na formação de imagens públicas, sejam elas de atores políticos ou não. E isso acontece

porque garantir a visibilidade pública é papel da comunicação de massa. Por esse motivo, Gomes (2004) afirma que a imagem pública é sempre mediada. A construção dessa imagem depende, portanto, de um trânsito complexo de fatores – que foge do controle direto de indivíduos e instituições as quais as imagens públicas se referem – que vão desde a emissão das mensagens até a idéia formada pelo público.

As imagens públicas, porém, para Gomes (2004) não podem ser consideradas uma representação fiel de todos os aspectos. Uma característica basta para que se forme uma imagem pública, e geralmente essa característica é relacionada ao *parecer ser*. Não basta ser, por exemplo, ético – e mesmo que não o seja – mas é preciso ser reconhecido como tal.

“O problema é que no caso das imagens públicas não lidamos propriamente com pessoas mas com *personae* ou máscaras teatrais, não lidamos com a formação de uma idéia sobre alguém originada pelos anos de convivência mas com o processo psicológico e social de caracterização. (GOMES, 2004, p. 258)

O jornalismo, por sua vez, tem atuação partidária, independentemente de alinhamento político-partidário, “no sentido de que expressa ativamente uma posição política situada” (BIROLI, 2012, P. 5). A definição do que é politicamente relevante e, conseqüentemente, dará visibilidade aos atores, acontece na interação de longo prazo entre eles e os jornalistas, cada um com o poder do qual dispõe. “O destaque e localização dos temas no noticiário é inseparável do destaque e localização dos atores políticos no noticiário” (BIROLI, 2012, P. 8).

É importante ressaltar, ainda, que a organização narrativa do discurso midiático não é aleatória, e realiza-se em contextos, produzindo certos efeitos, sejam eles voluntários ou não. (MOTTA, P. 2). Logicamente, a escolha de quem aparecerá, e como aparecerá, no noticiário também está ligada à organização do discurso, e com a ideia que se deseja passar com ele.

Escândalo midiático

O jornalismo traz a possibilidade de que questões anteriormente não divulgadas o sejam, até porque as transformações sociais que moldaram o mundo moderno redefiniram as relações entre vida pública e privada, e criaram novos tipos de visibilidade e de publicidade, no sentido de tornar público (THOMPSON, 2002). Vem, portanto, maior exposição para quem está no centro dos acontecimentos, e um deslize pode gerar um escândalo. O escândalo midiático é

um acontecimento que implica revelação através da mídia de atividades que fossem previamente ocultadas (ou conhecidas por apenas um pequeno círculo de pessoas),

atividades de caráter moralmente ignominioso e que, ao se tornarem públicas desse modo, poderiam acabar trazendo implicações prejudiciais aos indivíduos implicados. (THOMPSON, 2002, P. 87)

O escândalo midiático se desenrola aos olhos de quem tiver acesso aos meios de comunicação, e isso torna seu alcance muito maior do que quando o escândalo era localizado. Ainda que o espectador não concorde com o que está sendo dito pelo veículo que acompanha, ainda é possível continuar apresentando e recriando o fato diariamente.

Metodologia

O portal Folha.com está ligado ao jornal Folha de São Paulo, o segundo maior jornal do Brasil em tiragem (ANJ, 2011), além de ser um dos mais antigos e tradicionais. Pela relevância do portal e pela oportunidade de acesso, optou-se por analisar as matérias dele sobre o senador Demóstenes Torres, mas apenas as que são liberadas a todos os usuários.

Para possibilitar melhor visão sobre as modificações que poderiam ocorrer na figura do parlamentar, serão analisadas as matérias disponíveis a qualquer usuário da primeira semana de fevereiro – antes, portanto, das denúncias se tornarem públicas – de março – quando elas começam a aparecer – de abril e de maio – quando já estão sendo largamente exploradas pelos veículos de comunicação – de 2012 (Figura 1).

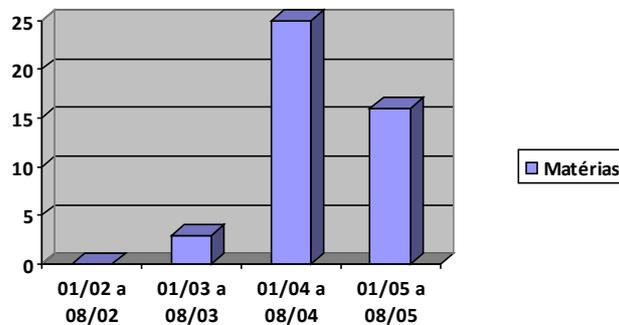


Figura 1: Gráfico de matérias sobre Demóstenes na Folha.com

Análise

Em 2012, o senador Demóstenes Torres, ex-DEM, vinha passando despercebido pela cobertura dos veículos de comunicação. Estava com seu lugar de paladino da ética consolidado,⁵ mas não havia muitos assuntos polêmicos em pauta. Prova disso é que, na primeira semana de março, ele só aparece em três matérias.

⁵ Em 2010, Demóstenes chegou, por exemplo, a escrever um artigo de opinião para o jornal O Estado de S. Paulo sobre o sistema penal brasileiro: <http://migre.me/9yBwT>

Em duas delas, já há indícios de seu envolvimento com o contraventor Carlinhos Cachoeira, mas nada tão consistente como o que viria a aparecer nas semanas seguintes, embora o senador começasse a dar explicações. A notícia do dia 6 de março, inclusive, reproduz trechos do discurso de Demóstenes na tribuna do Senado Federal, se defendendo das primeiras acusações de ter envolvimento com o Cachoeira, e chegou a desafiar alguém a contestar sua honestidade.

O senador desafiou seus "inimigos" a tentarem encontrar irregularidades que envolvam o seu nome. "Podem grampear à vontade, não vão encontrar nada, isso não vai me intimidar (...)" (Folha de São Paulo, 2012)

Em uma matéria de três dias antes, Demóstenes Torres aparece como um dos políticos aos quais a investigação indicou que Cachoeira era ligado. Além dele, fala-se também no Governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), que também seria investigado. Na notícia, a justificativa de Demóstenes é breve, e aparece encerrando o texto, como se fosse a palavra final. Ele admite ser amigo do contraventor, mas alega não saber que ele ainda tinha envolvimento com jogos de azar (Folha de São Paulo, 2012).

O senador, na matéria do dia seis, já assume um nível de envolvimento com Cachoeira maior do que o afirmado antes, inclusive admitindo ter ganhado presentes de casamento dele, que não recusou nem perguntou o preço porque a boa educação manda que assim se faça (Folha de São Paulo, 2012).

A outra notícia de março envolvendo o senador não tem a ver com a Operação Monte Carlo. Demóstenes comenta a aprovação de uma proposta que reduz o número de suplentes de senador. Novamente, a fala de Demóstenes é colocada no final do texto, só vindo antes da do Presidente do Senado, José Sarney.

Na primeira semana de abril, há um aumento substancial no número de matérias em que Demóstenes está envolvido. E, além de notícias, ele aparece em *videocasts*, infográficos e é citado nos textos opinativos. Em geral, o teor das aparições não é positivo ao parlamentar, o que ajuda a desgastar sua imagem, e reflete que ele perdeu o controle dela (GOMES, 2004). São 25 matérias com participação do senador, contra três em março e nenhuma em fevereiro.

No primeiro dia de abril, foram encontradas duas notícias envolvendo no senador. A primeira explicita o impacto das denúncias de seu envolvimento no esquema de Cachoeira desde o título, "Em sete dias, Demóstenes passa de 'intocável' a suspeito de corrupção" (Folha.com, 2012). O texto é aberto com uma declaração moralista do senador em relação a Renan Calheiros, em 2007. Apresentam-se, ainda, as características que Demóstenes

coleccionava, dentre elas, uma ética que não era abalada nem pelo envolvimento de membros do seu partido em escândalos de corrupção.

Demóstenes não poupou nem mesmo os aliados. Em 2009, bateu boca com o ex-governador do Distrito Federal José Roberto Arruda, então companheiro de partido, por discordar da fixação de prazo de uma semana antes de sua expulsão do DEM. À saída da reunião, constrangeu correligionários ao manifestar-se publicamente contra a decisão do comando do partido: "Defendo sempre a expulsão sumária". (Folha.com, 2012)

A matéria ainda constata claramente os danos que as denúncias trouxeram à imagem do parlamentar, afirmando que a revelação do seu envolvimento com Cachoeira estilhaçou a imagem que se tinha dele (Folha.com, 2012). Mais à frente, reafirma a mudança repentina na forma que Demóstenes era visto. "De 'intocável' a suspeito de corrupção, bastaram sete dias. Foi chamado de 'doutor' por Cachoeira em conversar gravadas pela Polícia Federal. E se refere ao empresário como 'professor'" (Folha.com, 2012). Ainda há tempo para o jornal ironizar o senador, contando que ele tinha charges ampliadas de um heróico Demóstenes nas paredes de seu gabinete. Há, ainda, um gráfico - intitulado de "O herói da oposição" - com citações do senador sobre seus desafetos e de quem o admirava sobre ele.

A outra notícia do dia também não é favorável a Demóstenes, pois apresenta o presidente da OAB defendendo a renúncia do senador.

"É uma medida extrema, pessoal, mas o teor das conversas telefônicas mantidas com o empresário Carlos Augusto de Almeida Ramos, divulgadas pela imprensa, evidenciam uma situação mortal para qualquer político", afirmou o advogado. (Folha.com, 2012)

A matéria mostra, ainda, o presidente da OAB do Rio de Janeiro reiterando a opinião da organização nacional, e aprofunda o desgaste da imagem de Demóstenes, que já não é mais criticado somente por seus pares, mas também por outras organizações sociais.

A primeira notícia analisada no dia 2 de abril é sobre a crise do DEM. Demóstenes ainda não tinha pedido desfiliação do partido, e a notícia afirma que ele reforça o enfraquecimento do partido. "As denúncias contra o senador Demóstenes Torres (DEM-GO), que era um dos principais nomes do partido, reforçam a crise iniciada em 2007, com a morte de Antônio Carlos Magalhães e a mudança de PFL para Democratas." (Folha.com, 2012). Fala-se, ainda, do encolhimento da bancada do DEM no Congresso, que diminuiria ainda mais quando o parlamentar deixasse o partido.

No mesmo dia, há uma notícia dizendo que deputados federais estariam se organizando para investigar o caso Cachoeira a fundo e, se necessário, entrar com representações no Conselho de Ética contra os parlamentares citados (Folha.com, 2012).

Embora seja senador, Demóstenes e sua relação com o também chamado empresário aparece na contextualização da matéria, o que se torna comum quando o jornal fala do caso. É feita também, à parte do que já aparece na maioria das matérias sobre a operação Monte Carlo, uma cronologia do caso, principalmente sobre as suspeitas sobre o senador. (Folha.com, 2012)

Há notícia semelhante à da Câmara em relação ao Senado. No caso, o PSOL estava tentando acelerar a análise do caso de Demóstenes (Folha.com, 2012). É interessante que, na matéria, usam-se citações de parlamentares de diferentes partidos, e todos concordando que o senador do DEM deve explicações, ainda que com ênfases diferentes. Na fala de um deles, inclusive, nota-se a transformação pela qual a imagem de Demóstenes passa.

Para Requião, o Senado precisa tomar uma atitude "firme" para dar respostas à sociedade diante das denúncias claras contra Demóstenes. "É preciso que se diga que o senador Demóstenes era respeitado como um guerreiro da moralidade no plenário do Senado Federal. Essa decepção, esse constrangimento, têm de ser superados. Temos de passar por cima dos constrangimentos pessoais, de varrer todo o laivo de corporativismo que possa ter o Senado da República." (Folha.com, 2012)

Ainda no dia 2, o Democratas parece adotar às claras a estratégia de afastar Demóstenes do partido, para garantir que as denúncias sobre ele não contribuíssem para desgastar a imagem dos seus filiados. A Juventude do DEM, por sinal, cobra "uma ação rápida e exemplar" (Folha.com, 2012), e aproveita para mostrar que também foram iludidos pela imagem de ético do senador.

Ainda segundo a Juventude do DEM, o senador era considerado pelo grupo uma figura com a qual era possível reverberar "sentimento de indignação" com práticas erradas "tão comuns hoje" e chamadas pelo governo federal de malfeitos. (Folha.com, 2012)

Mais tarde, no mesmo dia, aparece a ação exemplar do DEM em relação a Demóstenes. O partido abriria um processo para expulsão do senador. Os líderes do partido, como Agripino Maia e ACM Neto, falam sobre a dificuldade da permanência dele na legenda (Folha.com, 2012). Há preocupação em não ter mais Demóstenes próximo, já que ele pode agregar visibilidade negativa aos correligionários.

No dia 3, a primeira matéria em que Demóstenes figura é sobre seu pedido de desfiliação ao DEM. Ele faz críticas à forma que foi tratado pelo partido desde o começo das denúncias, e isso ter culminado na abertura de um processo para sua expulsão. O partido mantém, no entanto, a postura de afastar a imagem de cúmplice de Demóstenes, e reafirmar o quanto é ético.

O líder do DEM na Câmara, deputado ACM Neto (BA), afirmou que o caso Demóstenes é um "assunto superado" dentro do partido. "A gente não passa a mão na cabeça de quem erra. Se ele não tivesse pedido para se desfiliar, certamente seria expulso. Não temos nenhum problema em cortar na própria carne." (Folha.com, 2012)

As três matérias seguintes, ainda do dia 3 de abril, dizem respeito à repercussão do caso no Congresso. A primeira é a notícia de que o PT ofereceu um senador para analisar a situação de Demóstenes. O líder do PT no Senado, Walter Pinheiro, inclusive diz que “há elementos suficientes para o Senado cassar o mandato” (Folha de São Paulo, 2012). A segunda envolve Demóstenes pelo contexto, pois é sobre a defesa, por parte de Marco Maia, da investigação dos envolvidos com Cachoeira. A terceira tem a ver com a instalação da CPI para apurar as relações do contraventor com deputados e senadores. Demóstenes é citado na fala dos deputados que a defendem, e por ter pedido afastamento do DEM no mesmo dia, em consequência das denúncias.

No dia 4, há uma opinião do leitor que menciona o senador, afirmando que Demóstenes foi “desonesto, antiético e corrupto” (PEREIRA, 2012), sem mencionar seu histórico.

O único *videocast* encontrado no período analisado é especialmente importante para a compreensão da mudança na imagem de Demóstenes, assim como a primeira matéria que analisamos. De forma irônica, o vídeo começa com um trecho do programa eleitoral dele, e depois vai elencando situações em que o senador se coloca como defensor da ética, crítico do governo e da corrupção, priorizando imagens enérgicas. Ao final, coloca-se o trecho de conversa dele com Carlinhos Cachoeira, para encerrar com uma imagem de Demóstenes tentando falar ao telefone reservadamente. (Folha.com, 2012)

A construção do vídeo e do texto que o acompanha ilustra muito bem o que acontece com o senador. Em poucas semanas, de defensor contundente da moralidade, ele passa a investigado de representar a interesses particulares no Congresso Nacional. O texto que o acompanha também reforça isso. Embora não deixe tão clara a posição adotada como a edição do vídeo o faz, fala que a marca dele era defender a punição de acusados de corrupção, e agora estava encarando a possibilidade de ser cassado. (Folha de São Paulo, 2012)

Três das outras quatro matérias do dia são sobre o processo de defesa de Demóstenes, inclusive com a tentativa de anular as provas obtidas pela Polícia Federal, com direito a resposta do Ministro da Justiça. A outra cita o senador pelo contexto, pois é sobre as denúncias que atingiram o governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB-GO).

No dia 5, Demóstenes aparece em reportagem sobre a contratação, pelo grupo de Carlinhos Cachoeira, de um serviço de interceptação de e-mails. Mais uma vez, cita-se o senador quando se contextualiza o caso, associando-o à Operação Monte Carlo.

A primeira matéria do dia 6 apresenta Demóstenes como um representante de Cachoeira, inclusive buscando acatar suas ordens a fim de favorecer o esquema. Na identificação do senador, por sinal, aparece a ressalva de que ele está sem partido, entre parênteses, enquanto a matéria afirma que o empresário o orientou a trocar o DEM pelo PMDB.

O objetivo da troca de lado era posicionar melhor Demóstenes para ajudar o esquema de Cachoeira. Até então, o senador atacava sem piedade os governistas acusados de corrupção. Com o apoio do PMDB, o aliado poderia até chegar ao cargo de ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), sonhava Cachoeira. (Folha.com, 2012)

A outra notícia do dia é sobre a abertura da CPI para investigar Cachoeira, que era vista com cautela pelo Senado. No caso, os parlamentares ouvidos ressaltam que o foco da investigação não seria só Demóstenes, e sim os negócios e as relações de Carlinhos com os envolvidos. A oposição aproveita para tentar barganhar com a base aliada do Governo.

ele (Álvaro Dias) ressaltou que qualquer apoio da oposição dependerá, também, dos partidos da base aliada apoiarem uma CPI para investigar denúncias de desvios de dinheiro público praticadas em várias áreas do governo, principalmente na área da saúde. "Seria uma CPI da Corrupção". (Folha de São Paulo, 2012)

O colunista Kennedy Alencar usa Demóstenes como exemplo da fragilidade de uma agenda moralista, pautada somente na moralidade e combate à corrupção. "O caso Demóstenes Torres, senador por Goiás que se desfilou do Democratas, é um exemplo perfeito da fragilidade dessa hipócrita agenda udenoide." (ALENCAR, 2012).

No dia 7, outro colunista fala em Demóstenes. Ele aproveita a proximidade com a Semana Santa para ironizar e dizer que o senador é um candidato a Judas neste ano, insinuando que ele é um político em desgraça. (CAVERSAN, 2012)

A outra matéria do dia repercute informação dada por Vera Magalhães, em sua coluna na Folha de São Paulo, de que Roberto Gurgel saberia da ligação entre Demóstenes e Cachoeira. Além da contextualização que costuma aparecer quando o caso é mencionado, esta notícia destaca também a complicação da situação política do senador, já que o PSOL tinha apresentado requerimento ao Conselho de Ética da casa por quebra de decoro parlamentar. (Folha de São Paulo, 2012)

Já na primeira semana de maio, 17 matérias são abertas e disponíveis para todos.

No dia 2 de maio, Demóstenes aparece em seis matérias, todas relacionadas à CPI que investiga Carlos Cachoeira, exceto a coluna de Eliane Catanhêde, intitulada “A boa briga”. Nela, o nome do senador é apenas citado, junto ao de Cachoeira e à empresa Delta, como motivo de “horror” da mídia e da opinião pública. O foco da coluna é a “briga” de Dilma Rousseff com os bancos.

Demóstenes também não é o foco das outras notícias sobre a CPI publicadas no dia 2. A primeira delas é sobre o recebimento, pela CPI, da cópia do inquérito sobre o senador feito pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Ao todo, foram entregues nove mídias eletrônicas à Comissão Parlamentar. Apesar de, segundo o jornal, o inquérito ter sido considerado sigiloso pelo STF, o conteúdo foi colocado à disposição na internet. A última notícia do dia é sobre a polêmica em torno desse sigilo, mais especificamente sobre a atuação do senador Fernando Collor (PTB-AL) como “guardião” do segredo do inquérito. Segundo o jornal, Collor “cumpriu a promessa de agir como uma espécie de ‘guardião’”. Aqui também são publicadas manifestações de parlamentares de vários partidos, todos a favor da publicidade das informações.

Na defesa da posição de Taques (senador Pedro Taques, que defendeu a abertura dos documentos), o deputado Miro Teixeira (PDT-RJ) disse que manter o sigilo do inquérito seria proteger o investigado - no caso, o empresário do ramo de jogos ilegais Carlos Cachoeira. (...) Para (o senador) Alvaro Dias, como o inquérito está público, obedecer ao pedido de manutenção do sigilo significa à comissão “manter uma postura de hipocrisia”. “Até agora, interessa a quem o sigilo? Se permitiu o vazamento de informações sigilosas para alvejar algumas pessoas, passando a ideia de orientação política. A partir de agora, é impossível preservar o sigilo.” (Folha.com, 2012)

A fala de Álvaro Dias encerra a notícia. As alegações de “proteger o investigado” e de manutenção de uma “postura de hipocrisia” também se aplicam a Demóstenes, objeto das investigações presentes no inquérito citado e um dos envolvidos no esquema. O nome de Demóstenes também é citado na contextualização de outra matéria relacionada ao acesso dos integrantes da CPI ao material enviado pelo STF, dessa vez no dia 3 de maio.

As outras notícias do dia são relacionadas à recusa do procurador-geral da República, Roberto Gurgel, responsável pelo inquérito que investiga Demóstenes, de prestar depoimento à CPI. Antes “decepcionados e constrangidos” com as denúncias contra Demóstenes (Folha.com, 2012), os parlamentares agora parecem querer “mostrar serviço”, chegando a acusar o procurador-geral de negligência com o caso e pedindo a realização de sessões secretas com Gurgel e delegados da Polícia Federal que participaram das operações Las Vegas e Monte Carlo. (Folha.com, 2012).

Outra notícia do dia é referente ao processo disciplinar contra Demóstenes pedido pelo relator do processo, senador Humberto Costa (PT-PE). Na notícia, Costa afirma que a decisão de abrir um processo disciplinar é política - por quebra de decoro parlamentar. Costa também alega não ter utilizado intencionalmente matérias jornalísticas nem gravações que incriminam o senador: a atividade parlamentar de Demóstenes, seus discursos e sua atitude passada de “defensor da ética” – ferramentas que, segundo Gomes (2004), ajudam a construir a imagem pública – são usadas como fundamento do relatório de Humberto Costa.

Costa diz que Demóstenes “faltou com a verdade”, o que configura quebra de decoro, ao afirmar que militou contra a legalização dos jogos de azar no país e só mantinha “relações sociais” com Cachoeira - durante discurso feito em março deste ano no plenário do Senado. (...) O petista ainda cita trecho citado por Demóstenes no Conselho de Ética, durante processo contra o senador Renan Calheiros (PMDB-AL), que indícios são suficientes para a condenação por quebra de decoro parlamentar. (Folha.com, 2012)

A seguinte afirmação do senador Humberto Costa encerra a notícia: “Esta talvez seja a tarefa mais difícil que tive oportunidade de assumir ao longo na minha vida política”. Antes, em discurso indireto, o jornal afirma que Costa disse não sentir “‘nenhum prazer’ ao julgar o colega com quem mantinha ‘convivência’”.

O relatório de Humberto Costa também é objeto de um *podcast* da colunista Eliane Catanhêde. Para ela, as evidências de quebra de decoro são “tão fartas quanto às provas do crime”. O tom da colunista chega a ser irônico: “o relator Humberto Costa se concentrou nas mentiras ditas por Demóstenes em plenário e nas suas sucessivas ações de apoio à legalização dos jogos de azar, apesar de agora jurar e declarar em público que é contra eles” (Folha.com, 2012) A colunista também aposta na cassação de Demóstenes, mesmo que as provas criminais não entrem no processo. “As provas são tão contundentes que não há como deixá-las para lá. Se não cassar Demóstenes, o Senado estará se auto cassando” (idem, ibidem)

Outra notícia do dia 3, também relacionada ao relatório do senador Humberto Costa, é referente à negação, pelo Conselho de Ética do Senado, do pedido de nova defesa feita pelo senador Demóstenes Torres. O pedido havia sido feito pelo advogado do senador, Antônio Carlos de Almeida Castro, conhecido como Kakay, na tentativa de ganhar tempo para analisar o “teor do texto” de Costa, que poderia levar à cassação do mandato de Demóstenes. O advogado aponta a abertura do processo como a “morte política” de Torres.

“O advogado tentou convencer os integrantes do conselho a não instaurarem o processo disciplinar ao afirmar que ele representa a 'morte política' do senador.” (Folha.com, 2012)

Em defesa de Demóstenes, o advogado também chega a afirmar, segundo a notícia, que “as escutas produzidas no inquérito das operações da Polícia Federal foram adulteradas para prejudicar o senador”. A posição de Costa, porém, manteve-se, e ele afirmou “não ter culpa” se a defesa errou ao ir “por um caminho que não deveria ir”. Costa refere-se ao fato de seu relatório ter sido fundamentado em questões políticas, e não nas gravações feitas pela PF e questionadas pela defesa de Demóstenes.

A última matéria do dia, “Tucano cobra votação sobre o fim do voto secreto para cassações”, está relacionada à proposta de emenda constitucional (PEC), do senador Alvaro Dias (PSDB-PR). Na notícia, o senador tucano, partido nacionalmente aliado ao DEM, do qual Demóstenes fazia parte, afirma que o “o Congresso deveria aproveitar o momento (do processo aberto contra Demóstenes no Conselho de Ética do Senado) para colocar a PEC em votação”. Para o senador, o “ideal” seria que a votação do processo disciplinar contra Demóstenes já ocorresse com o voto aberto.

No dia 4 de maio, uma nova notícia sobre o depoimento do procurador-geral Roberto Gurgel é publicada. A notícia afirma que os parlamentares governistas “farão nova ofensiva”, com apoio do Palácio do Planalto para tentar ouvir o procurador (Folha.com, 2012). São retomados os questionamentos dos parlamentares a respeito das atitudes tomadas por Gurgel na Operação Las Vegas, anterior à ação que desmontou o esquema de Cachoeira, a Operação Monte Carlo.

Nos bastidores, ministros e petistas questionam o fato de Roberto Gurgel não ter aberto nenhum procedimento contra o senador Demóstenes Torres (GO) em 2009, ano em que recebeu o inquérito da operação Vegas da Polícia Federal. Ocorre que o procurador não fez a denúncia nem pediu novas diligências à PF para elucidar a participação do senador. (Folha.com, 2012)

A outra matéria do dia 4 de maio veio da BBC Brasil e é referente a uma reportagem da revista britânica The Economist. A revista cita a fama de defensor da moralidade de Demóstenes – o que ele *parecia ser* – e diz que a CPI “promete espalhar mais sujeira do que o normal”:

A reportagem cita o envolvimento do senador Demóstenes Torres (ex-DEM) e de outros políticos - e lembra que Torres foi descrito como um homem de “princípios e convicções” em uma lista dos cem brasileiros mais influentes publicada em 2009 pela revista Época. (Folha Online, 2012)

O encerramento da notícia encaixa-se bem na mudança sofrida pela imagem de Demóstenes Torres, após divulgação das denúncias: “Quanto mais a podridão na política

brasileira é exposta, menor o número de políticos nos quais os brasileiros sentem que podem confiar.” (Folha Online, 2012) Antes do escândalo, Demóstenes era visto como um político íntegro, defensor da moralidade e da ética. Depois, descobriu-se que o senador não agia de forma tão diferente dos colegas que pedia que fossem investigados por denúncias corrupção.⁶

No dia 5 de maio, a Folha.com abre espaço para uma entrevista com Carlos Alberto Verdini, presidente da construtora Delta, que também é investigada por relações ilegais com Carlos Cachoeira. Verdini substituiu Fernando Cavendish na presidência do Conselho de Administração da empresa no final de abril de 2012, após denúncias envolvendo o nome de Cavendish. A entrevista é sobre as denúncias contra a Delta e a situação da empresa na época. Verdini é questionado sobre a relação da empresa com o senador e se conhecia e já havia falado com Cachoeira e Demóstenes.. A resposta para a segunda pergunta é negativa, mas Verdini não esclarece a relação da Delta com o senador.

Folha - Como era a relação da Delta com o senador Demóstenes? As gravações da PF mostram intervenções dele em favor da empresa. Quem era o interlocutor do Demóstenes?

Verdini - Eu desconheço. A única pessoa que eu sei que tinha esse relacionamento era o nosso ex-diretor de lá, o Cláudio Abreu. Em todas as fitas você vê que é ele que fala em nome dele, não vê nenhum momento o nome do Fernando. O nome do [Carlos] Pacheco [diretor executivo da empresa, afastado] é falado, mas ninguém vê gravação do Pacheco, ele é citado pelo Cláudio. Não tem fita nenhuma dele.

(...)

Folha - O sr. conhecia Cachoeira e Demóstenes?

Verdini - Não.

Folha - Nunca falou com eles?

Verdini - Nunca. (Folha.com, 2012)

O nome de Demóstenes Torres volta a aparecer na Folha.com no dia 7 de maio. A primeira matéria é, mais uma vez, sobre o acesso aos documentos referentes à investigação feita pela Polícia Federal. Nesse caso, Demóstenes é citado apenas no final da notícia, com a data do depoimento agendada para 31 de maio.⁷

A segunda notícia do dia 7 é também a última da primeira semana de maio. A notícia é sobre a protocolação de um pedido pelo advogado de Demóstenes Torres para que fosse dado um novo prazo - 10 dias - de defesa para o senador. A defesa é relacionada ao pedido de abertura do processo disciplinar por quebra de decoro no Conselho de Ética do Senado, feito pelo senador Humberto Costa e referido anteriormente nesse artigo.

⁶ <http://migre.me/9yBBh> e <http://migre.me/9yBFk>

⁷Depoimento de Demóstenes: <http://migre.me/9yBIN>

Ao final dessa notícia, é citada uma reportagem da Folha de São Paulo, disponível apenas para assinantes, em que o jornal mostra que a maioria dos integrantes do Conselho de Ética do Senado é a favor da abertura do processo disciplinar: “Consulta feita pela Folha mostra que 12 dos 15 componentes do órgão vão votar pela instauração do processo, seguindo a recomendação do relator, Humberto Costa”. (Folha.com, 2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demóstenes Torres se empenhou, por muito tempo, em consolidar a imagem de defensor da moralidade, e parecia ter conseguido. Talvez por isso as denúncias tenham causado um dano tão grande. Em poucas semanas, o senador, que não vinha aparecendo muito nos meios de comunicação em 2012, passa a ser uma figura constante no noticiário, de uma forma que não é favorável para ele.

As denúncias fazem com que os colegas tentem se afastar ao máximo de Demóstenes e se mostrem dispostos a investigar o parlamentar, que já tinha sido algoz de outros políticos em situação parecida com a sua atual, inclusive correligionários. Ao senador, não restou muito a fazer, fora esperar que a pauta mudasse e o caso esfriasse.

Antes ouvido como autoridade, pelos cargos que ocupava e pelo capital político adquirido, sua aparição agora se deve a outros fatores, como estar envolvido em denúncias e ter perdido o prestígio do qual dispunha antes. O próprio Portal Folha.com, que chegava a colocá-lo como quem dava a última palavra em algumas matérias, ironiza a situação de Demóstenes, e não lhe confere mais a credibilidade de outrora.

Levando em conta que “a força do homem político é retirada da confiança que um grupo lhe atribui” (WEBER, 2004, P.271), o senador teve grandes prejuízos. Ao ser constantemente apresentado como um traidor, já que a maioria das pessoas que mantinham relações com ele se diz surpresa com as denúncias, fica difícil para Demóstenes se explicar e tentar reverter o quadro, já que a tendência é que os próprios veículos cristalizem a sua imagem. De cotado para disputar as eleições presidenciais pelo DEM em 2014⁸, Demóstenes viu-se sem partido e passou a correr o risco de ter o mandato cassado.

O caso Demóstenes também mostra que a construção da imagem é um processo contínuo e mutável: a imagem positiva de “paladino da ética” cultivada pelo senador com ações e discursos durante os anos de seu mandato foi praticamente destruída em um curto período de tempo – os meses analisados nesse artigo – quando vieram à tona notícias sobre o envolvimento em atividades ilegais. A imagem positiva de Demóstenes não

⁸ <http://migre.me/9yBQW>

funcionou como uma espécie de defesa para o senador, algo no qual ele podia apoiar-se para rebater as acusações – na verdade, apenas serviu como prova para a abertura de um processo de cassação contra ele e para o fato de que a imagem pública não necessariamente reflete todas as ações e características de um indivíduo ou de uma instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Kennedy. *FHC e Lula, uni-vos*. Disponível em <<http://tinyurl.com/6lz3ab9>>. Acesso em 25 maio 2012.

Associação Nacional de Jornais. *Maiores jornais do Brasil*. Disponível em <<http://tinyurl.com/q2g9qk>>. Acesso em 8 maio 2012.

BIROLI, Flávia. *O Jornalismo como gestor de consensos: limites do conflito na política e na mídia*. Disponível em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1837.doc>. Acesso em 7 jun. 2012.

CAVERSAN, Luiz. *Páscoa, passagens*. Disponível em <<http://tinyurl.com/86ob7xm>>. Acesso em 25 maio 2012.

ÉPOCA. *Os 100 brasileiros mais influentes de 2009*. Disponível em <<http://tinyurl.com/39etswd>>. Acesso em 8 jun. 2012.

Folha.com. Links para matérias utilizadas disponíveis em <<http://tinyurl.com/7gw88qd>>. Acesso em 19 jun. 2012

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMES, Wilson. *Mapeando a audioesfera política brasileira: os soundbites políticos no Jornal Nacional*. Disponível em <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_314.pdf>. Acesso em 7 jun. 2012.

MAGNOLI, Demétrio. *Demóstenes Torres*. Disponível em <<http://tinyurl.com/39etswd>>. Acesso em 8 jun. 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *A análise pragmática da narrativa jornalística*. Disponível em <<http://tinyurl.com/83qlp65>>. Acesso em 21 jun. 2012.

PEREIRA, Victor Germano. *Leitor diz que caso Demóstenes Torres ilustra situação do Brasil*. Disponível em <<http://tinyurl.com/7wwbrq7>>. Acesso em 25 maio 2012.

THOMPSON, John B. *O escândalo político: Poder e visibilidade na era da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

WEBER, Maria Helena. Imagem pública. In: RUBIM, Albino (org.), *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004. P. 259 - 307